

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI  
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA**

**Amós Ferreira Dos Santos**

**Práticas de uso da língua Patxôhã em Corumbauzinho: os desafios da  
criação de um grupo de conversação**

**Belo Horizonte  
2024**

**Amós Ferreira Dos Santos**

**Práticas de uso da língua Patxôhã em Corumbauzinho: os desafios da  
criação de um grupo de conversação**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial  
para obtenção ao título de licenciado em  
Línguas, Artes e Literatura, pela  
Faculdade de Educação/UFMG.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Gorete  
Neto

**Belo Horizonte  
2024**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse percurso primeiramente a meus pais, que foram uma força de impulso para que eu pudesse chegar até onde estou hoje. Dedico também a cada um dos meus amigos e colegas que cooperaram direta e indiretamente para minha formação, em nome da motivação e orgulho demonstrado durante a confecção deste trabalho e todo o trajeto dentro do curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Niamisû (Deus) pela força e privilégio de estar concluindo este curso de graduação, pois sei que se não fosse por Ele eu não teria chegado até aqui. Sou grato a meus pais que sempre lutaram por mim e me deram grandes motivações para nunca desistir. Para eles principalmente vai o meu sentimento de maior gratidão. Também agradeço a todos os meus colegas e professores que dividiram esta jornada comigo. Sei que o nosso aprendizado foi além do que ensina a Formação Intercultural para Educadores Indígena. Aprendi muito com cada um. Agradeço de coração a minha orientadora, a professora Maria Gorete Neto. Esta foi responsável por muitos incentivos, sempre exortando-me a fazer esforço para atingir o meu objetivo. Enfim, agradeço a todos que cooperaram direta e indiretamente para minha formação. A estes o meu "muito obrigado!"

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga as práticas atuais de uso da língua Patxôhã na aldeia Corumbauzinho, município de Prado, Bahia, e os desafios envolvidos na criação de um grupo de conversação para revitalizar e fortalecer essa língua. O Patxôhã, idioma do povo Pataxó, enfrenta uma situação complicada, sendo utilizado atualmente de maneira limitada e sem falantes fluentes na comunidade.

A pesquisa aborda a importância do reavivamento da língua como forma de valorização da identidade cultural e explora as dificuldades enfrentadas na implementação de iniciativas linguísticas, principalmente no contexto comunitário. A proposta de criação de um grupo de conversação em Patxôhã surge como uma estratégia central para promover a prática e o aprendizado da língua de forma contínua e participativa.

Apesar das dificuldades encontradas, como a falta de interesse da comunidade, a pesquisa destaca a necessidade de ações de conscientização e incentivo para engajar os membros da aldeia na preservação e uso cotidiano do Patxôhã. O estudo conclui que, para o sucesso de iniciativas de revitalização linguística, é essencial combinar esforços educativos com estratégias comunitárias que reforcem o orgulho e a valorização da cultura e identidade indígena.

**Palavras-chave:** Patxôhã, Aldeia Corumbauzinho, Reavivamento Linguístico.

## SUMÁRIO

1. Apresentação.....	7
2. Introdução.....	10
2.1. Uma breve história da aldeia Corumbauzinho.....	10
2.2. A importância do reavivamento da língua Patxôhã.....	13
3. A língua Patxôhã na aldeia Corumbauzinho.....	17
3.1 Uma breve contextualização sobre o ensino do Patxôhã na escola de Corumbauzinho.....	17
4. Os principais desafios com o ensino e aprendizado do Patxôhã na aldeia.....	19
4.1. O conhecimento da língua Patxôhã fora do contexto escolar.....	20
5. Proposta de um grupo de conversação em Patxôhã.....	24
5.1 Grupo de Whatsapp como ferramenta para a conversação em Patxôhã.....	28
5.2 Análise do Conhecimento Linguístico em Patxôhã.....	29
6. Resultados do grupo de conversação em Patxôhã.....	34
7. Considerações Finais.....	38
8. Referências.....	40

## 1. APRESENTAÇÃO



*Figura 1 - Amós Ferreira dos Santos. Fonte: Arquivo Pessoal do autor.*

Meu nome é Amós Ferreira dos Santos (Uĩtamõ Pataxó, nome indígena), tenho vinte e seis anos de idade e nasci na cidade de Itamaraju, Bahia. Sou filho de Manoel Messias Alves dos Santos e Marlene Meneses Ferreira dos Santos. Tenho três irmãos e uma irmã. Ao todo somos cinco irmãos. Somos da etnia Pataxó, da família Ferreira e moramos todos na aldeia Corumbauzinho.

Infelizmente eu não cresci no espaço de uma aldeia indígena. Vivi minha infância numa região conhecida apenas como "Posses", situada nas proximidades da aldeia Mãe Barra Velha. Depois morei um tempo em um povoado chamado Monte Pascoal, município de Itabela, onde iniciei minha vida

escolar. Com doze anos de idade mudei para a Aldeia Corumbauzinho, onde moro atualmente. Este foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Foi quando pude explorar minha cultura, a história do meu povo, a língua e outras coisas mais. Quando terminei o ensino médio, o Colégio Aksã Pataxó, da aldeia Craveiro, estava precisando de um professor. Fui convidado para lecionar durante três meses, enquanto a diretoria encontrasse um professor capacitado, mas eu acabei permanecendo no cargo. Essa foi uma grande conquista para mim.

Atualmente atuo no Colégio Aksã Pataxó na coordenação pedagógica, mas trabalhei durante 8 anos como professor de língua portuguesa na mesma escola. Eu tinha muita vontade de dar aulas de Patxôhã, mas como a atual necessidade era português eu tive que atender conforme.

Na minha comunidade, aldeia Corumbauzinho, costumo fazer diversas atividades. Gosto de pescar e de lavrar a terra. Minha família sempre lavrou a terra para, através disso, conseguir o mantimento. Na aldeia, o meu tempo é dividido entre o trabalho na roça, trabalho na escola e alguns outros afazeres. Eu também faço parte de uma igreja indígena. Através da comunidade da igreja anunciamos mensagens de amor ao próximo e de esperança, tudo isso sem deixar de ser quem somos, e valorizando nossa cultura.

Eu sempre tive um interesse muito grande pelas artes, em especial, pela literatura. Gosto muito de escrever, criar histórias, estimular o pensamento a fluir. Mas eu também gosto muito da minha língua indígena, Patxôhã, tanto que decidi fazer este trabalho de percurso sobre reavivamento linguístico.

Como jovem e educador indígena venho analisando há algum tempo, o processo de reavivamento da língua Patxôhã entre o meu povo (Pataxó), em especial, na minha comunidade, Corumbauzinho. Há o ensino da língua indígena nas escolas, existem articulações que objetivam o fortalecimento do idioma, promovendo pesquisas, discussões, oficinas..., mas na realidade não é comum encontrar um indígena ou um grupo Pataxó que fale fluentemente a língua Patxôhã assim como falamos o português. Parece que ainda não chegamos num patamar onde isso aconteça.

Então, com base nisso, esta pesquisa objetiva entender como está atualmente a situação sociolinguística na comunidade e evidenciar as possibilidades de ações de reavivamento efetivo da língua Patxôhã e em



seguida incentivar práticas para execução destas ações, sendo que numa destas iniciativas proponho a criação de um grupo específico para prática de conversação em língua Patxôhã.

## 2. INTRODUÇÃO

A preservação de línguas indígenas é um tema de grande importância no contexto das comunidades tradicionais, especialmente quando se trata da transmissão de saberes e da manutenção da identidade cultural. Na Aldeia Corumbauzinho, a língua Patxôhã enfrenta desafios significativos para sua sobrevivência, sendo usada de forma precária fora do contexto escolar. Este trabalho de percurso teve como objetivo investigar as práticas atuais de uso da língua Patxôhã na aldeia e propor a criação de um grupo de conversação como uma estratégia para revitalizar e fortalecer o idioma.

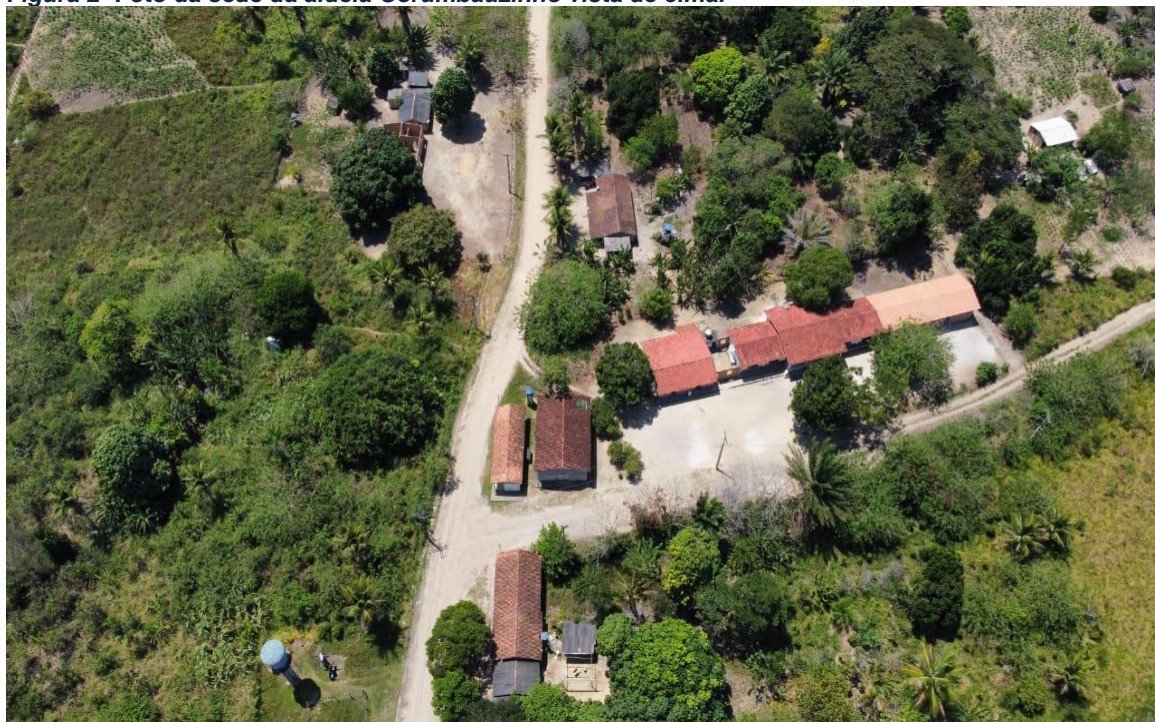
Para desenvolver esta pesquisa, foram colhidos relatos de um ex-professor de língua indígena da escola de Corumbauzinho, que forneceu uma visão sobre as dificuldades enfrentadas no ensino do Patxôhã. Além disso, o trabalho inclui o testemunho de um ex-professor experiente de língua Patxôhã, de fora da aldeia, destacando as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados ao longo de sua carreira. Também foi analisada uma iniciativa de resgate linguístico promovida por um professor de língua Patxôhã na Aldeia Coroa Vermelha, que se mostra como um exemplo inspirador de como ações comunitárias podem contribuir para a revitalização linguística.

A proposta central desta pesquisa foi a criação de um grupo de conversação em língua Patxôhã na aldeia, visando proporcionar um espaço contínuo de aprendizado e prática da língua. Através da análise desse grupo de conversação, esperou-se demonstrar uma possível viabilidade e os benefícios de iniciativas semelhantes para outras comunidades indígenas que enfrentam desafios na preservação de sua língua.

Para esclarecer um pouco qual o caminho desta pesquisa foram abordadas as seguintes perguntas: "Chegará um dia em que o povo Pataxó (ou uma parte dele) irá falar a língua Patxôhã fluentemente?" e "Quem é responsável pela revitalização da língua Patxôhã?".

## 2.1 Uma breve história da aldeia Corumbauzinho<sup>1</sup>

*Figura 2- Foto da sede da aldeia Corumbauzinho vista de cima.*



**Fonte: Pedro Braz**

A aldeia Corumbauzinho, situada no município de Prado, extremo sul da Bahia, dentro do território indígena Barra Velha, foi fundada no ano de 1998 por decreto da FUNAI, porém o povo indígena já vivia naquelas terras há muito tempo antes disso. Os primeiros moradores eram quatro famílias provenientes da aldeia mãe Barra Velha, que eram as famílias de Alexandre Braz, Mário Braz, Jonga Braz e Ananias Ferreira.

No local onde hoje é situada a aldeia Corumbauzinho, antigamente também moravam outras pessoas não indígenas, integrantes do movimento sem-terra (MST) mas no ano da sua fundação os indígenas que já moravam naquelas terras se reuniram para reivindicar o seu território e retomaram 25 lotes que estavam ocupados pelos “sem-terra”. Porque na verdade, muito antes dos “sem-terra” ocuparem aquela área, já viviam indígenas lá, porém esses indígenas foram retirados das suas terras no ano de 1944 depois que Pedro Augustinho mediu aquela área e a dividiu em lotes, foi quando o MST chegou na região. Segundo o Cacique Adailton, os sem-terra foram para aquela área

---

<sup>1</sup> Texto escrito a partir de uma entrevista com o Cacique da aldeia Corumbauzinho, Adailton Pereira Braz, mais conhecido como Neném.

sob indicação do INCRA, e até então, não tinham conhecimento que aquele era território indígena.

No dia 17 de agosto de 1998 os moradores indígenas fizeram uma reunião junto ao Conselho de Cacique da época, lá mesmo no local onde hoje é a atual Aldeia Corumbauzinho, e disseram como estava a situação da região em relação as famílias Pataxó que vivia entre os não indígenas. Havia também famílias indígenas que viviam espalhadas trabalhando em fazendas, mas tinham conhecimento de que aquelas terras eram em sua totalidade, área indígena. As famílias precisavam se juntar novamente, até porque aquelas terras pertenciam ao Povo Pataxó. Com isso, receberam apoio de vários caciques das aldeias já formadas, como por exemplo, Barra Velha, Boca da Mata, Coroa Vermelha e de Caramurú Paraguaçu.

Depois da reunião decidiu-se que iriam retomar aquela área (como mencionado anteriormente, os 25 lotes ocupados pelos sem-terra), porém quando chegaram lá a maioria dos ocupantes do MST já tinha saído (só tinham três moradores) porque ficaram sabendo que aquela área era território indígena. Então foi feito um acordo entre os indígenas e o INCRA para os posseiros desocuparem as terras. A FUNAI providenciou um grupo de trabalho para estudar o território e confirmou que era terra indígena. Isto é, foi estabelecido os marcos e feita a delimitação no território, porém não foi demarcado, ainda está aguardando a homologação de demarcação da aldeia Corumbauzinho até os dias atuais. Depois dessa retomada outros indígenas que moravam fora, nas fazendas, na beira das rodovias, resolveram também tomar parte no seu território. A partir de então a área começou a ser conceituada como aldeia indígena e de pouco a pouco foram surgindo novas famílias e formando a comunidade.

O primeiro cacique de Corumbauzinho foi Edvaldo Braz, mais conhecido como Dil. Ele trabalhou como representante da comunidade até o ano 2006, ou seja, 8 anos. Depois dele, o cacique Adailton Pereira Braz assumiu a liderança da aldeia a qual até os dias de hoje ainda a representa.

A aldeia recebeu o nome de Corumbauzinho por causa do rio que tem o mesmo nome e que se estende ao longo de todo o seu território. Ele inicia na área da aldeia bem pequeno, mas conforme vai seguindo curso até o mar ele vai crescendo até se tornar o Rio Corumbau.

Alguns dos aspectos culturais do povo Pataxó e que são práticas tradicionais na aldeia Corumbauzinho são: o uso da língua Patxôhã, isto é, algumas palavras aleatórias inseridas no vocabulário português (português indígena), a prática de fazer farinha de puba, artesanatos, cultivo da mandioca, caça, pesca no rio, e principalmente, os rituais, também conhecido como awê, entre outras.

## **2.2 A importância do reavivamento da língua Patxôhã**

O reavivamento de uma língua indígena não é simplesmente preservação, mas também é um ato de valorização da identidade cultural de um povo. Uma língua indígena não é apenas um idioma com capacidade de comunicação, mas também um tesouro de conhecimento ancestral, uma ferramenta que aumenta a perspectiva do mundo, tradições e modos de vida que nos ajudam a entender a riqueza e a complexidade da história de um povo.

É válido dizer que existem alguns termos para designar o processo de deter ou reverter o declínio duma língua ou de reviver uma extinta, como por exemplo, retomada, revificação ou reavivamento. O principal termo escolhido para ser usado nesta pesquisa foi “reavivamento”, isto é, no sentido de que considere a língua do meu povo como uma fogueira que está quase apagando, então com algumas ações de intervenção, espera-se reavivar esta “fogueira”.

O reavivamento de uma língua indígena é importante porque, em primeiro lugar, o idioma é fundamental para a transmissão de conhecimento tradicional, que inclui práticas medicinais, técnicas e conexões espirituais da natureza. Sem o idioma, perdemos parte desse conhecimento, privando as futuras gerações de uma fonte de sabedoria. No contexto da língua indígena do povo Pataxó, esse ato de busca por reavivamento também é uma luta por fortalecimento cultural e identitário. Em depoimento exclusivamente para esta pesquisa, o ex-professor Tohõ Pataxó fala um pouco da sua experiência no ensino da língua na sua comunidade e também em contexto geral.

Na verdade é o seguinte, eu trabalhei com o Patxôhã durante quinze anos (de dois mil e oito a dois mil e vinte e três). Agora em dois mil e vinte e quatro tive que sair por conta do processo de retomada do nosso território, também como estamos na retomada eu tive que sair da escola, para fortalecer mais a retomada na questão da agricultura,

na questão da nossa cultura mesmo, nossa língua. Mas atualmente eu não estou mais na escola, entendeu? Eu estou fora da escola, mas a gente continua assim fortalecendo nossa língua na teoria e prática, né? Porque vejo que se a gente ficar só na teoria, só sala de aula a gente, muita das vezes, não fortalece, então além do professor ter o dever dele, (trabalhar na sala de aula) também é obrigação do professor pra fortalecer cada vez mais a prática na comunidade e no povo. Então hoje a gente trabalha, na verdade na oralidade, prática mesmo na nossa comunidade, mas por enquanto estou fora da escola, entendeu?  
(Relato de Tohõ Pataxó, 2024)

Tohõ aponta que é preciso uma iniciativa com ações práticas para efetivar o fortalecimento da língua. Apesar dele atualmente estar fora da sala de aula isso não o impediu de dar continuidade com o ensino de Patxôhã. Inclusive ele tem promovido ações didáticas de revitalização linguística lá no território de autodemarcação onde ele reside.

*Figura 3 e 4 - Registros escritos da língua Patxôhã na área de autodemarcação Akuã Tarakwatê.*

*Fonte: Tohõ Pataxó.*



Tohõ também descreve o trabalho de autodemarcação associado com o fortalecimento da cultura Pataxó, enfatizando a importância da escrita, da oralidade e do diálogo na preservação da língua e da identidade indígena. Algumas estratégias usadas por eles lá na Pataxí Akuã Tarakwatê são: colocar palavras nas paredes e dialogar em Patxôhã durante encontros ao redor da fogueira. Ele menciona situações em que os estudantes acabam negligenciando a língua Patxôhã após sair da escola e por isso destaca a



necessidade de resgate e fortalecimento contínuo. O objetivo do trabalho dele é reafirmar a identidade Pataxó e mostrar sua língua originária para a sociedade em geral, tanto para os "homens brancos" quanto para outros indígenas.

Tratando-se da língua Patxôhã, que é um idioma que já foi considerado extinto em meados do século passado, atualmente tem-se um vocabulário com aproximadamente 2.500 palavras organizadas numa apostila com regras gramaticais.

Bonfim (2017) destaca os avanços significativos no processo de revitalização da língua Patxôhã, como a mobilização de jovens indígenas para valorizar e disseminar a língua, o ensino do Patxôhã em todas as escolas com a contratação de professores Pataxó, o estímulo dos pais para que seus filhos aprendam a língua, a produção de materiais didáticos em Patxôhã, a valorização da língua em atividades culturais e esportivas, entre outros. Essas iniciativas contribuíram (ou tiveram a intenção de contribuir) para que o Patxôhã se tornasse um símbolo de interação e união entre as aldeias, além de sensibilizar outros povos para valorizarem suas próprias línguas.

Nesse processo de luta dos professores, pesquisadores e lideranças pela retomada da língua, podemos destacar avanços importantes, entre os quais: • A mobilização de jovens indígenas na valorização e divulgação do Patxohã em diversos espaços; • Ensino do Patxohã em todas as escolas, com a contratação de professores pataxó pelas secretarias de educação municipais e estadual; • Pais estimulando os seus filhos para a aprendizagem do Patxohã; • Publicação de materiais didáticos em Patxohã entre os Pataxó da Bahia e Minas; • Valorização do Patxohã nas atividades culturais e esportivas realizadas nas comunidades; • Estimular os pais a registrar seus filhos com nomes Patxohã; • Criação de cantos; • Identificação no Censo Escolar – INEP; • Artigos e trabalhos acadêmicos escritos pelos próprios pesquisadores e professores pataxó sobre o Patxohã, contribuindo para o seu reconhecimento, divulgação e valorização; • O Patxohã se tornou um canal de interação e união entre as aldeias do extremo sul da Bahia e as de Minas Gerais. • O processo de retomada linguística tem sensibilizado outros povos a valorizarem suas línguas. Podemos afirmar que o Patxohã é um processo em construção, um trabalho coletivo de autoria do povo pataxó, que se fortaleceu graças ao movimento de jovens, professores e lideranças na luta pela retomada da língua. (Bonfim, 2017, p. 324)

O reavivamento do Patxôhã é um processo em construção, resultado do esforço coletivo do povo Pataxó, impulsionado pelo engajamento de jovens, professores e lideranças na luta pela preservação da língua. É muito

importante a criação de políticas linguísticas de base em que os próprios indígenas atuem no processo de retomada da língua, como sugere o lema da Década Internacional das Línguas Indígenas: “Nada para nós sem nós”. Essa ocasião é uma ótima oportunidade para evidenciar o protagonismo indígena.

A retomada linguística se constitui nesse, e em outros processos, como exemplo de decolonização de saberes, recuperação de espaços culturais que estavam silenciados, adormecidos e que emergem no contexto de tomada de consciência do povo, de suas organizações políticas, na compreensão de que reconstruir os espaços de saberes é o caminho para a retomada de suas práticas linguísticas e culturais. (Meirelles, Rubim e Bomfim, 2022)



### **3. A LÍNGUA PATXÔHÃ NA ALDEIA CORUMBAUZINHO**

Durante o tempo que tenho de vivências em minha comunidade, percebo que a prática de uso com propriedade da língua Patxôhã não é algo que exista entre as pessoas da aldeia, principalmente aquelas que não frequentaram a escola e/ou estão fora do contexto escolar.

Geralmente, muitos moradores não têm essa noção da importância do resgate linguístico e conseqüentemente não tem interesse em aprender a língua. Isso provavelmente acontece por falta de incentivo, motivação ou até mesmo informações. Mas quem de fato tem a responsabilidade de promover ações de incentivo a prática de uso da língua Patxôhã? Será somente a escola?

#### **3.1 Uma breve contextualização sobre o ensino do Patxôhã na escola de Corumbauzinho**

Na escola da aldeia Corumbauzinho é ministrado o ensino de língua indígena como uma disciplina da grade curricular, do ensino fundamental 1, 2 e ensino médio. Entretanto quando falamos de reavivamento linguístico de uma determinada comunidade ou povo é necessário mais do que algumas aulas semanais na escola para que de fato os alunos possam dominar o idioma e falar fluentemente. Sem contar que nem todas as pessoas da aldeia frequentam a escola. É importante pensar nos vários fatores que implicam na efetivação de uma retomada linguística como, por exemplo, quem serão as pessoas da comunidade que serão os sujeitos na prática do reavivamento linguístico.

Em relato, o ex-professor de língua indígena da aldeia Corumbauzinho, Jhon Lennon da Silva Conceição, fala sobre a sua experiência no Colégio. É importante ressaltar que atualmente a escola de Corumbauzinho está sem o professor próprio de língua Patxôhã no ensino fundamental 1. Isso porque a escola, bem como demais escolas indígenas estaduais não possui uma vaga real para professor específico de cultura e língua indígena, como aponta Santos (2023):

Sobre as escolas municipais da Bahia, nos casos mais específicos de Porto Seguro, as escolas indígenas possuem um professor de cultura específico para trabalhar com as escolas indígenas, como por exemplo, as escolas municipais do Pé do Monte, Boca da Mata e Barra Velha. Já as escolas estaduais não possuem um professor de cultura específico. O que se tem são as disciplinas Língua Indígena e Identidade e Cultura no ensino fundamental e apenas Língua Indígena no ensino médio. Há uma preocupação por parte dos professores do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, mais especificamente os professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, sobre a língua e a cultura indígena. Estes, apesar de serem indígenas, sentem dificuldades em trabalhar com os estudantes esses aspectos culturais. Para eles, é necessário que haja um professor de cultura específico para trabalhar com essas turmas. No caso dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, também não há um professor específico para trabalhar com a cultura indígena. Há alguns professores que trabalham com a Língua Indígena e outros com a Identidade e Cultura, mas não há um professor de cultura próprio. (Santos, 2023, p. 51)

A falta de um professor específico de língua indígena afeta a autoestima da escola no contexto da educação escolar indígena diferenciada, pois ele desempenha um papel vital na configuração da unidade de ensino redefinindo a prática educativa. Portanto, a ausência de um professor de língua indígena na Aldeia Corumbauzinho não é apenas uma falha educacional, mas um impedimento ou atraso ao fortalecimento cultural, à coesão comunitária e à autonomia da instituição de ensino enquanto escola indígena. A retomada e a valorização do ensino da língua Patxôhã são essenciais para garantir um futuro culturalmente promissor e resiliente para a comunidade.

Veja a seguir o relato do professor Jhon Lennon:

A minha experiência é o que eu falei, ela foi animadora no início, logo mais depois a gente sentiu muita na questão das pessoas de hoje, dos alunos, está necessitando de se envolver mais. Hoje nós estamos precisando muito de políticas públicas e até comunitária mesmo, pra poder ajudar no desenrolar aí, no processo cultural. Sabemos que a nossa língua já ficou meio adormecida, quase esquecida por muitos, quase perdida pela grande maioria. Mas o pouco que restava dos falantes e o grupo de pesquisa Atxôhã também deram um desempenho muito forte em buscar. Trouxe de volta uma esperança, já há muito perdida nessa questão do processo linguístico. Deu todas as ferramentas necessárias para as comunidades desenvolverem mais e progredirem. Mas aí falta agora, as comunidades, no caso eu falo em referência para Corumbauzinho, levantar essa tocha aí sobre este processo aí, da importância do processo cultural da língua Patxôhã. Hoje ainda tem um questionamento de muitos, que canta muito awê, só que em português, que a maioria chamava de “toré”, uns canta muito em português e até mesmo nas apresentações pouco se fala em Patxôhã e sabemos que o processo musical ele influencia muito na construção de um aprendizado linguístico onde é mais fácil memorizar um awê. Muitas vezes tem um texto, né? Então o desenvolver o corpo, estar

empenhado ali no ritmo e a língua que é falada, as palavras do canto é gravada bem rapidamente na memória. Então a gente vê que hoje em Corumbauzinho, a questão dos awês precisa dar uma melhorada nessa parte linguística. O que eu falei e volto mais uma vez para reforçar é que uma experiência boa é a gente vê o aprendizado, mas ainda precisa de muito né? Eu observo que estamos subindo degraus e ainda falta muito degraus para dar continuidade. Aí cabe muito aos jovens usar mecanismos, eu também pensei isso, falta de mecanismos, talvez até a própria tecnologia, de envolver esses jovens. Não sei se seja uma palestra, ser uma questão de awê, tipo assim, talvez faça alguma coisa, um seminário aqui, não sei coisa assim do tipo, mas tentar procurar um outro método pra envolver mais esses jovens e alunos da comunidade. Então hoje eu vejo essa necessidade aí de uma alternativa melhor, mas o processo quando eu trabalhei foi bom, mas poderia ser melhor, assim como hoje. A gente vê que vai progredindo um pouco, e até agradeço muito as universidades porque são elas que estão trazendo mesmo a questão linguística, um pouco meio que adormecida, as universidades provoca aquele estímulo, né? Apresenta alguma coisa, então a pessoa cria um empenho em se caracterizar mais na questão dos trajes, a se preocupar mais com a questão da linguagem, então as universidades estão de parabéns. Muito interessante isso, e eu acharia até que as escolas, não sei se seria plausível dizer isso, mas criar regras mesmo, regras rígidas para o processo cultural, porque a gente observa em muitos outros lugares que tem existe isso pra fortalecer mais. Depende muito de alternativas melhores pra envolver mais os nossos alunos.

(Relato de Jhon Lennon da Silva Conceição, 2024)

O relato traz uma reflexão crítica sobre a experiência do ex-professor de língua indígena, destacando os desafios e as lacunas encontradas no processo de revitalização da língua Patxôhã na aldeia Corumbauzinho. Inicialmente ele expressa entusiasmo com a iniciativa, mas logo aponta a necessidade de políticas públicas para fortalecer o ensino da língua. Ele ressalta a importância de separar língua indígena de cultura e destaca a falta de ênfase nas regras gramaticais, essenciais para a criação de novos cantos e textos. Além disso, aponta para a falta de envolvimento dos alunos e da comunidade, sugerindo a necessidade de estratégias alternativas, como recursos tecnológicos, palestras, seminários ou atividades culturais, para engajar os jovens. Jhon Lennon reconhece os esforços das universidades em despertar (nos estudantes indígenas) o interesse pela língua, mas também sugere que as escolas adotem regras mais rígidas para fortalecer o processo cultural. A crítica central dele está na percepção de que, embora haja progresso, ainda há muito a ser feito para garantir a continuidade e eficácia do processo de revitalização linguística, especialmente no que diz respeito ao envolvimento da comunidade e dos jovens.

#### **4. OS PRINCIPAIS DESAFIOS COM O ENSINO E APRENDIZADO DO PATXÔHÃ NA ALDEIA**

Quando é falado aqui em ensino e aprendizado de língua Patxôhã em Corumbauzinho é importante dizer que esta ação (atualmente) está sob responsabilidade exclusiva da escola, já que não existe outra organização na aldeia que possa tratar disso. Sendo assim, os professores de língua indígena são as pessoas que estão mais próximas do processo de ensino e conhecem bem as dificuldades, sendo a primeira delas a falta de formação específica para os professores da área. Ainda há carência de materiais didáticos especificamente para a disciplina de língua indígena.

Outro desafio bem comum, até mesmo apontado pelo professor Jhon Lennon, é que nem todos os jovens demonstram interesse em aprender, então nesse processo de revitalização, reavivamento linguístico tem-se duas lutas: uma é conscientizar e incentivar as pessoas a quererem participar e a outra é promover as ações para que o projeto seja bem-sucedido.

##### **4.1 O conhecimento da língua Patxôhã fora do contexto escolar**

A prática de uso da língua Patxôhã não tem muita força fora do contexto escolar, ou seja, o único ambiente que mais promove ações que voltadas para o uso do Patxôhã é o colégio. Digo isto porque lá é o lugar onde mais tem práticas de uso da língua Patxôhã. Em conversa com algumas pessoas da aldeia, perguntei se elas sabiam falar na sua língua indígena, isto é, o Patxôhã, e muitos respondiam que não sabiam. Porém, elas conhecem várias palavras aleatórias, que até mesmo usam no cotidiano como, por exemplo, as palavras a seguir:

kayãbá – dinheiro

tahãw – café

bayxú – bonito

kijeme – casa

kuyuna – farinha

É comum as pessoas acharem difícil conseguir falar fluentemente a língua Patxôhã, mas a questão é que talvez seja a falta de iniciativas de práticas mais eficazes de ensino visando o aprendizado intensivo e não somente nas escolas.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa foi feita uma análise/observação na comunidade da aldeia Corumbauzinho e verificaram-se muitas carências de usos escritos da língua Patxôhã, por exemplo, placas de referência e indicações em língua indígena. Não há nenhum material deste tipo na aldeia. Possivelmente boa parte das aldeias Pataxó estão nesta mesma situação. É muito importante que uma comunidade indígena possa utilizar e evidenciar o uso escrito de sua língua na aldeia e fora dela também.

Outra observação feita foi que o nome da aldeia não está em língua Patxôhã, e percebe-se que isso é algo possível e fortaleceria a identidade Pataxó da comunidade. O nome da aldeia em língua indígena ficaria escrito da seguinte forma: Corumbauzinho – “Korumbau’kwi”.

Segundo o vice cacique, a aldeia não recebeu um nome na língua indígena porque na época de sua fundação a situação da língua Patxôhã não era tão forte e abordada como é atualmente.

As saudações em língua indígena não são utilizadas frequentemente na comunidade, isto é, as pessoas não têm esse costume de saudarem-se em Patxôhã. Geralmente cumprimentam-se em língua portuguesa. Muitos pais registram seus filhos com nomes do Patxôhã enquanto outros preferem colocar nomes fora do contexto da língua indígena.

Como foi falado anteriormente, algumas pessoas da comunidade não têm certa noção da importância da língua indígena na comunidade em consequência de que no passado o povo Pataxó foi reprimido e obrigado a deixar de falar sua língua nativa, porém, muitas palavras do idioma ficaram vivas no vocabulário dos mais velhos.

Porque a nossa língua não foi perdida como dizem. A língua pataxó está no nosso dia a dia. Tentaram tirar o direito de continuarmos falando a nossa língua. Fomos aldeados à força, mas nem tudo foi perdido de nossa língua antiga! Pois com a ajuda resistente dos mais

velhos, foi possível preservar nas memórias musicais e no uso diário uma quantidade de palavras de grande valor para nós. (Inventário cultural Pataxó, 2011, p. 08)

Ao analisar a questão sociolinguística na comunidade é notável que todas as pessoas falam português como primeira língua, porém há algumas palavras do vocabulário Patxôhã que foram aportuguesadas e as pessoas falantes nem sabiam que usavam palavras da língua Pataxó no cotidiano. Isso é o que chamamos de português indígena e tem a ver com a resistência indígena. A seguir, veja alguns exemplos:

Mukiá – Assar (verbo)

Kõdõgá – Reclamar (verbo)

Kâkay – Bagagem (substantivo)

Morotó – Larva (substantivo)

Os dois verbos acima são usados na língua portuguesa, até mesmo nas formas conjugadas. Ex.: Mukiá – muquiado, muquiando, muquiei. Kõdõgá – condongado, condongando, condongou.

O substantivo “kâkay” é usado para designar bagagem em alguns contextos. Ex.: Fulano pegou os “kâkay” dele e foi embora!

Já no caso da palavra “morotó” ela é usada exclusivamente para se referir a larvas de alguns besouros ou moscas (principalmente que são encontradas em troncos velhos de coqueiros ou larva de moscas na carne podre), isto é, lá na aldeia Corumbauzinho, bem como em outras aldeias da região, as pessoas não falam larva, dizem sempre “morotó”. Ex.: Aquela carne estava podre e cheia de “morotó”!

O fenômeno do “português indígena” na Aldeia Corumbauzinho, onde palavras da língua Patxôhã são integradas ao vocabulário português, representa uma forma significativa de resistência linguística e cultural. Essa prática evidencia a resiliência da comunidade Pataxó em preservar elementos da sua língua ancestral, mesmo diante da predominância do português como primeira língua. Ao incorporar termos Patxôhã no cotidiano, os membros da aldeia mantêm vivas as expressões e significados culturais únicos, reforçando a identidade étnica e a conexão com suas raízes. Esse processo de mistura

linguística não apenas preserva o idioma Patxôhã de forma prática e acessível, mas também simboliza um ato de resistência contra a “assimilação cultural”, afirmando a presença e a relevância contínua da cultura Pataxó.

Em Corumbauzinho o Patxôhã também é usado na igreja evangélica, onde os louvores são cantados em português e em língua indígena e até mesmo um livro completo da Bíblia (o Evangelho de São Mateus) já foi traduzido para a língua indígena Pataxó. Vale ressaltar também que o nome da congregação foi registrado em cartório na língua Patxôhã, justamente para evidenciar a identidade Pataxó na instituição. A igreja tem sido o segundo lugar depois do Colégio onde são promovidas ações de incentivo à prática de uso da língua Patxôhã.

## 5. PROPOSTA DE UM GRUPO DE CONVERSAÇÃO EM PATXÔHÃ

A conversa/diálogo inteiramente em língua Patxôhã é algo que muitos consideram difícil de se tornar realidade. Pelo que parece existe uma “barreira” que impede esta realização. A falta de informação, incentivo e até mesmo material didático são elementos que compõem essa barreira. Outro fator é que a situação de reavivamento da língua indígena Pataxó não tem muitas referências como a proposta neste trabalho de percurso, apesar do grupo Atxôhã promover muitas ações afirmativas para isso.

Esse trabalho, apesar de todos os avanços, está ainda em fase de desenvolvimento: na música, o uso do patxohã, como é chamado o idioma Pataxó, já é uma realidade; no entanto, há ainda muito a ser feito para que o uso cotidiano também se torne efetivo. Mas se depender dos esforços dos educadores e das lideranças Pataxó empenhadas na valorização de sua língua e cultura, em breve todos estarão se comunicando em patxohã sem embaraço. (Inventário cultural Pataxó, 2011, p. 52)

Mas como muitos sabem, o ensino/aprendizado acontece melhor na prática do que somente na teoria. Como afirma Tohõ Pataxó em seu relato para esta pesquisa:

O fortalecimento da nossa língua Pataxó, o Patxôhã hoje, só se fortalece a partir da prática do dia a dia. Seja na escola, na comunidade, nos rituais, nosso awê, nas reuniões... Então todo momento que a gente está participando, praticar a oralidade, é falando mesmo com os parentes com certeza se fortalecerá. Mas se o Patxôhã ficar só em sala de aula na teoria, fica um pouco muito difícil da comunidade também ter mais contato também no dia a dia. Mas é isso aí, é preciso que a comunidade juntamente com a escola, é preciso que o professor de Patxôhã tenha esse interesse de fortalecer cada dia mais. Inclusive nós hoje na área de retomada na Pataxí Pataxó Akuã Tarakwatê, já colocamos até esse nome e foi com o objetivo de fortalecer mesmo a questão dos nossos rituais, a questão nossa língua, e assim a gente um dia estaremos falando sem embaraço. O que diz nossos mais velhos também, aqueles que também começaram a pesquisar, pra poder catalogar as palavras e daí nós está falando hoje. Então hoje já tem vários professores de Patxôhã que fala, um bocado aí também. E é pra usamos aí, usarmos no dia a dia.  
(relato de Tohõ Pataxó, 2024)

Percebe-se que as ações em parceria da escola e comunidades a fim de promover o fortalecimento ou até mesmo o reavivamento da língua Patxôhã são bem mais promissoras do que cada uma individualmente.



Então uma alternativa adequada para a prática do diálogo em Patxôhã seria um grupo de conversação.

Um grupo de conversação desempenha um papel fundamental no reavivamento de uma língua, especialmente no contexto de línguas indígenas como o Patxôhã. Esses grupos oferecem um ambiente seguro e encorajador para os membros praticarem a língua, compartilharem conhecimentos e experiências e desenvolverem habilidades linguísticas. Primeiramente, um grupo de conversação proporciona uma oportunidade para os falantes praticarem o diálogo e encontrarem outros interessados em aprender a língua. Essa prática oral é essencial para analisar os aspectos únicos da língua, como pronúncia, entonação e vocabulário específico para cada contexto. Além disso, o grupo de conversação cria um espaço onde os membros podem se sentir empoderados para usar a língua em situações cotidianas, porque na aldeia não há um ambiente onde as pessoas possam ter essa oportunidade.

Como mencionado, ao se pensar numa iniciativa para a revitalização efetiva de uma língua (no caso, o Patxôhã) deve-se ressaltar quem será o público-alvo desta ação. Os jovens são um público que pode ser considerado o mais adequado para se trabalhar com o ensino para a prática de conversação fluente. Porém, entende-se que para realização deste trabalho há uma necessidade de pessoas que já possuam um conhecimento intermediário em Patxôhã (podendo ir além do público jovem), ou seja, o grupo de conversação será um ambiente/ocasião para os participantes exercitarem o que já sabem sobre a língua.

Na aldeia Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabralia, um indígena chamado Apetxiênã Pataxó, que também é professor de língua indígena, tem desenvolvido uma iniciativa que dialoga bastante com esta proposta de reavivamento linguístico. A seguir veja o relato de como esta ação tem acontecido:

Então, desde já que a gente é um povo, que a gente sabe que com todo histórico de massacre, de conflito, do homem branco e a nossa língua ficou adormecida, aí para a gente hoje em sala de aula trabalhar a língua Patxôhã é desafiador porque hoje o jovem já tem acesso as tecnologias do homem branco e muitos até questionam o porquê de estar aprendendo aquilo, pra que vai servir aquilo, então a gente, enquanto educador, tem que saber explicar o posicionamento. Falar a importância da língua, que a língua é importante para a

demarcação do território, a língua é nossa identidade, a língua é uma herança dos nossos ancestrais que não pode deixar morrer. É nossa cultura também. E a gente vem fazendo esse trabalho de formiguinha mesmo dentro de sala de aula, mostrando a valorização da língua do nosso povo. E a importância através da fala, do cântico... eu mesmo hoje procuro praticar o diálogo, trabalhar mais na prática. E porque eu costumo falar, que não adianta só eu saber falar Patxôhã e não ter ninguém para falar comigo, então hoje eu procuro incentivar meus alunos a trabalharem mais na prática.

E aí foi quando eu tive essa ideia, de estar levando o ensino da língua Patxôhã para fora da sala de aula, para a aldeia. Por que levar? Porque a partir do momento que a gente leva esse ensino, a gente está ajudando. Vai um aluno participar, que queira aprender mais sobre a língua, vai um tio, vai uma avó, vai um pai, vai uma mãe... E hoje o nosso desafio é esse. Nosso desafio na sala de aula é a gente ensinar dentro da sala de aula e quando o aluno chega em casa não tem esse incentivo. Então através disso eu tive a ideia de iniciar essa pequena ação, que é o "Aktxurá eoató tarakwatê uī Patxôhã" que é Coroa Vermelha Forte no Patxôhã, ele é um trabalho que graças a Deus hoje vem dando muito certo, onde a gente faz o trabalho nos espaços comunitários da aldeia. A gente faz na num final de semana, no centro cultural, faz em um shopping, faz no shopping indígena, faz no colégio estadual, faz no Espaço Korihé, que é um espaço também das comunidades. A gente tenta levar esse ensino pras comunidades, porque ali todos que vê, passando ali e é bem acolhido e a gente procura estar fortalecendo essa parte da língua. E fazendo com que eles percam a vergonha de falar né? Que hoje nosso grande desafio é fazer que o nosso povo fale no diálogo mesmo né? Saia da escrita e vai para o diálogo mesmo né, e hoje a gente faz esse trabalho graças a Deus vem dando certo cada vez mais. As pessoas nos procuram mais querendo aprender e a gente está aqui nessa missão. E não só aqui em Coroa Vermelha, mas a gente também deixa a disposição pra estar em outras aldeias fortalecendo esse trabalho. Que nem é um trabalho meu nem de ninguém, o trabalho do povo Pataxó e a gente tem essa missão de fortalecer.

(Relato de Carlinhos (Apetxiênã Pataxó), 2024)

No seu relato, Apetxiênã apresenta um trabalho dedicado à preservação e ensino da língua Patxôhã, realizando-o tanto dentro quanto fora da sala de aula. Percebe-se que os desafios enfrentados, especialmente o questionamento dos jovens sobre a relevância de aprender a língua frente às tecnologias e influências do homem branco também podem ser notados em Corumbauzinho. No entanto, ele ressalta a importância da língua como demarcação do território, identidade e herança cultural, destacando a necessidade de não deixá-la morrer.

Para enfrentar esses desafios, o educador adota uma abordagem prática, incentivando os alunos a praticarem o diálogo e levando o ensino da língua para fora da sala de aula, para a aldeia. Com isso ele pretende envolver

não apenas os alunos, mas também membros da comunidade, como tios, avós e pais, ampliando o alcance e o impacto do ensino.

O projeto "Aktxurá eoató tarakwatê uĩ Patxôhã" é descrito como uma ação bem-sucedida que ocorre em diversos espaços comunitários, como o centro cultural, shopping indígena e colégio estadual, com o objetivo de fortalecer o uso e a prática da língua. A iniciativa busca superar a vergonha de falar e incentivar o diálogo na língua Patxôhã, expandindo-se para outras aldeias para fortalecer esse trabalho coletivo de preservação cultural e linguística. Então, percebe-se que ações como essa podem ser o desencadeamento para que o povo Pataxó possa de modo efetivo se reapropriarem do domínio do Patxôhã.



Figura 5 - Card de convite para o Aktxurá eoató tarakwatê uĩ Patxôhã. Fonte: Apetxiênã Pataxó.

Para entender e refletir sobre as possibilidades de efetivar a prática fluente da língua Patxôhã na aldeia Corumbauzinho foi proposto a criação de um grupo de conversação de língua indígena na comunidade. Através deste grupo pretende-se utilizar algumas metodologias para introduzir e incentivar

diálogos em Patxôhã. Como procedimentos podem destacar: jogo de pronúncia em Patxôhã, leituras, roda de conversa, dinâmicas, etc.

A proposta de criação do grupo de conversação em língua Patxôhã na Aldeia Corumbauzinho visa revitalizar e fortalecer de maneira efetiva a língua indígena entre os membros da comunidade Pataxó. Antes da criação de um grupo na prática, surgiu a ideia de criar um grupo de whatsapp.

### **5.1 Grupo de Whatsapp como ferramenta para a conversação em Patxôhã**

Um grupo de Whatsapp pode ser muito importante no aprendizado de uma língua, principalmente quando se quer praticar a conversação fluente. Uma vantagem é que os participantes podem compartilhar materiais de aprendizado, como apostilas em pdf, vídeos e exercícios de prática, que ajudam a expandir o vocabulário e a compreensão da gramática. Além disso, a troca de mensagens em tempo real permite que os membros pratiquem a escrita no Patxôhã, melhorando sua fluência e precisão. Sem contar que atualmente a rede social é uma ferramenta muito usada pelas pessoas e é interessante a incluir nessa proposta.

No entanto, o aspecto mais valioso de um grupo de Whatsapp para o aprendizado da língua é a oportunidade de praticar a conversação em momentos que não puderem estar reunidos presencialmente. Os membros podem fazer chamadas de voz ou até mesmo videochamadas para praticar habilidades de escuta e fala.

Há pessoas na aldeia Corumbauzinho que até mesmo já conversam algumas frases via Whatsapp e isso mostra que a rede social pode ser bem abordada nesse processo de conversação.

Essas interações permitem que os participantes se acostumem com ritmos e entonações, preparando-os para situações de comunicação da vida real. Além disso, um grupo de Whatsapp pode reduzir a vergonha associada à prática da conversação em um ambiente mais formal, incentivando os membros a se expressarem livremente e a cometerem erros sem medo de julgamento.

Em resumo, um grupo de Whatsapp pode ser uma ferramenta poderosa no aprendizado de uma língua, proporcionando um espaço para interação constante, prática de escrita e conversação, e os participantes podem se ajudar, tirar dúvidas etc.

## 5.2 Análise do Conhecimento Linguístico em Patxôhã

Com o intuito de auxiliar na criação do grupo de conversação, foi feita uma análise do conhecimento linguístico em Patxôhã. Para essa análise, foi elaborado o formulário online, com o intuito de avaliar o nível de conhecimento linguístico em Patxôhã entre algumas pessoas da comunidade, especialmente entre os alunos egressos do Colégio da aldeia Corumbauzinho. Ao aplicar este formulário, pretendeu-se identificar o grau de proficiência dos envolvidos em diferentes aspectos da língua, como compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita como “feedback” da aprendizagem escolar. Essa avaliação foi essencial para mapear o atual estado de conhecimento do Patxôhã entre algumas pessoas da aldeia, permitindo identificar as necessidades de recursos específicos para o ensino e aprendizagem da língua. A primeira questão foi sobre o nível de familiaridade com o Patxôhã e havia três conceitos como alternativas de escolha sendo eles:

**Iniciante:** O aprendiz de nível iniciante possui um contato muito básico com a língua Patxôhã. Neste estágio, ele pode reconhecer e utilizar palavras e expressões simples, geralmente relacionadas ao cotidiano ou saudações. No entanto, sua capacidade de construir frases completas ou sustentar um diálogo ainda é limitada.

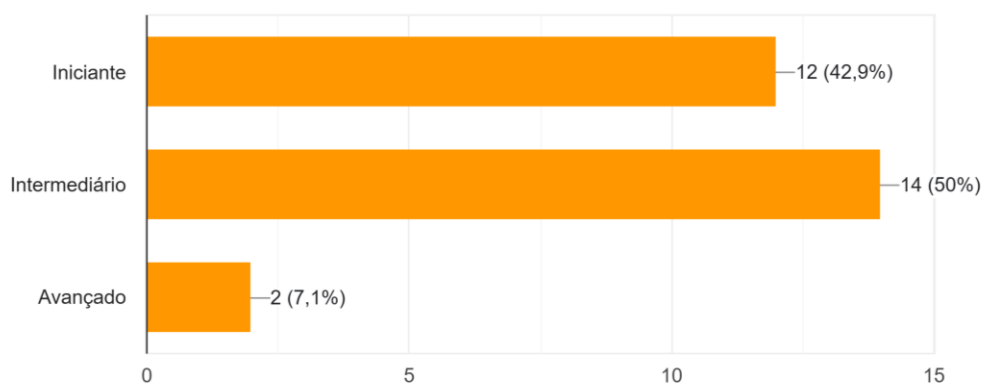
**Intermediário:** O aprendiz intermediário já possui uma compreensão maior da estrutura da língua e consegue se comunicar de maneira mais autônoma, embora ainda encontre limitações. Ele é capaz de compreender e formar frases mais completas, discutir temas simples e entender conversas em um ritmo moderado.

**Avançado:** No nível avançado, o falante de Patxôhã demonstra fluência na maioria dos contextos, sendo capaz de entender e produzir

discursos mais complexos, tanto em termos de vocabulário quanto de gramática. Ele pode se expressar com confiança em uma variedade de situações, incluindo temas cotidianos.

Experiência com a Língua Patxôhã: Qual é o seu nível de familiaridade com o Patxôhã?

28 respostas



A pesquisa revela um cenário variado em termos de domínio da língua. De acordo com as respostas, que totalizam 28 participantes, a maioria se considera no nível intermediário, representando 50% (14 pessoas) dos entrevistados. Mas eu devo dizer que durante a análise das respostas obtidas no questionário, foi identificado que alguns participantes forneceram respostas que não condizem com o nível real de conhecimento da língua. Especificamente, observou-se que alguns, embora reconhecidamente estejam no estágio inicial de aprendizado, indicaram estar em um nível avançado de familiaridade com o Patxôhã. Esse comportamento pode ter ocorrido por diferentes motivos, como o desejo de demonstrar maior conhecimento ou uma percepção equivocada sobre seu real domínio da língua.

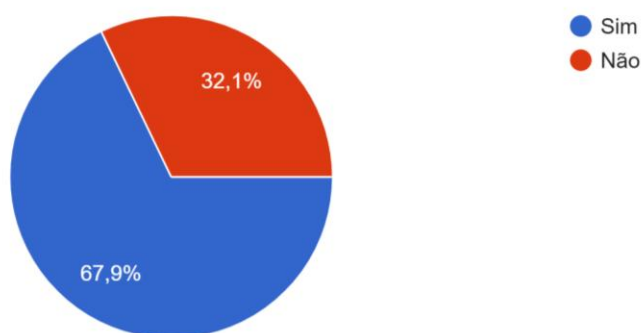
Uma parcela significativa, 42,9% (12 pessoas), se identifica como iniciantes na língua, sugerindo que muitos ainda estão nos estágios iniciais de aprendizado ou possuem um conhecimento mais básico do Patxôhã. Apenas uma pequena minoria, 7,1% (2 pessoas), declarou ter um nível avançado de familiaridade com a língua, o que indica que o domínio pleno do idioma ainda é restrito entre os ex-alunos (embora alguns possam ter fornecido informações equivocadas).

Esses dados sugerem que, embora haja algum conhecimento da língua entre os ex-alunos, a maioria ainda está em processo de aprendizado, o que reforça a importância de iniciativas voltadas para a prática e o aprofundamento do Patxôhã.

A segunda questão foi sobre a compreensão auditiva e revelou que a maioria, 67,9% dos respondentes (19 pessoas), consegue entender conversas simples na língua. Esse dado é promissor, indicando que, apesar das dificuldades de fluência plena, boa parte dos participantes tem um nível básico de compreensão auditiva, o que é um passo importante no processo de revitalização da língua.

Compreensão Auditiva: Você consegue entender conversas simples em Patxôhã?

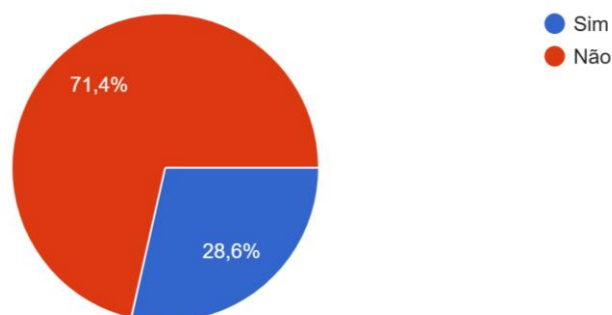
28 respostas



Por outro lado, 32,1% (9 pessoas) afirmaram não conseguir entender conversas simples em Patxôhã, o que revela a necessidade de mais ações educativas voltadas para a prática da língua, visando melhorar a familiaridade e a fluência entre os membros da comunidade. Esses resultados reforçam a importância de continuar com atividades de imersão e conversação para que mais pessoas possam desenvolver essa habilidade.

Gramática: Você consegue distinguir os diferentes tempos verbais no Patxôhã? (Passado, Presente, Futuro)

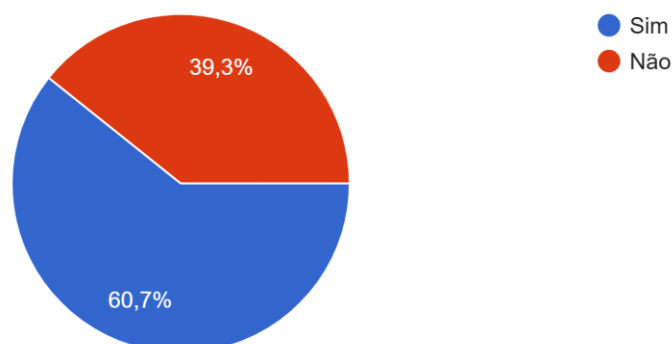
28 respostas



O gráfico acima ilustra os resultados da terceira pergunta que foi sobre a habilidade dos participantes de distinguir os diferentes tempos verbais (passado, presente e futuro) na língua Patxôhã. Dos 28 respondentes, 71,4% (20 participantes) afirmaram que não conseguem distinguir os tempos verbais, enquanto 28,6% (8 participantes) declararam que sim, conseguem fazer essa distinção. Isso indica que a maioria dos participantes enfrenta dificuldades em reconhecer as variações temporais na gramática da língua.

Produção Oral: Você se sente capaz de formular frases simples em Patxôhã?

28 respostas



Este gráfico apresenta os resultados da quarta pergunta sobre a capacidade de produção oral em Patxôhã, onde foi perguntado se os participantes se sentem capazes de formular frases simples na língua. Das 28 respostas recebidas, 60,7% (17 participantes) afirmaram que se sentem capazes de formular frases simples, enquanto 39,3% (11 participantes)

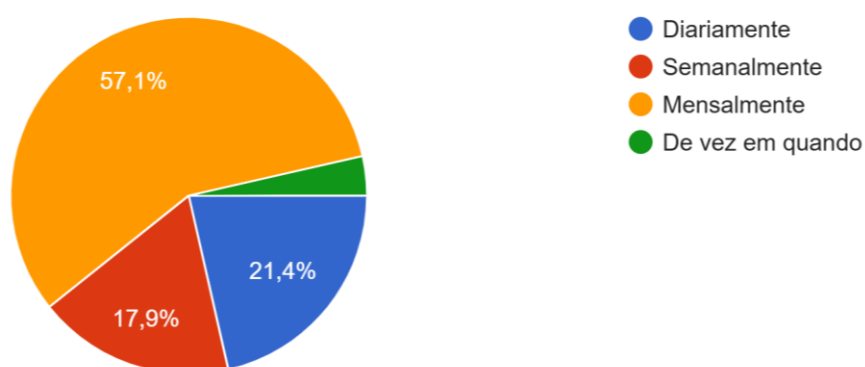


indicaram que não se sentem à vontade para isso. Esse dado revela uma distribuição significativa de indivíduos que possuem uma habilidade básica de produção oral, embora ainda exista uma parte considerável que enfrenta dificuldades com essa competência.

A quinta e última pergunta abordou uma questão muitíssimo importante para a reflexão sobre o tema Práticas e usos do Patxôhã na aldeia Corumbauzinho, que foi sobre a frequência ao falar a língua.

Com que frequência você pratica a fala em Patxôhã?

28 respostas



O gráfico acima evidencia uma preocupante falta de engajamento com o uso da língua Patxôhã entre os participantes desta pesquisa. Embora 21,4% (6 pessoas) pratiquem a língua diariamente, a maioria, 57,1% (16 pessoas), relatou praticá-la apenas mensalmente, o que reflete um desinteresse considerável na manutenção ativa da fluência. Além disso, 17,9% (5 pessoas) praticam semanalmente, e uma pessoa (3,6%) se envolve com a língua "de vez em quando". Esses dados mostram uma falta de comprometimento significativo com a prática regular da língua, o que pode comprometer a revitalização do Patxôhã, já que a maioria só a utiliza de maneira eventual.

Estes dados coletados poderão ser usados para subsidiar futuras iniciativas de promoção e fortalecimento do Patxôhã, contribuindo para estratégias de ensino mais eficazes e adaptadas às necessidades dos participantes. Além disso, os resultados poderão ser utilizados em futuros trabalhos de revitalização linguística.

## 6. RESULTADOS DO GRUPO DE CONVERSAÇÃO EM PATXÔHÃ

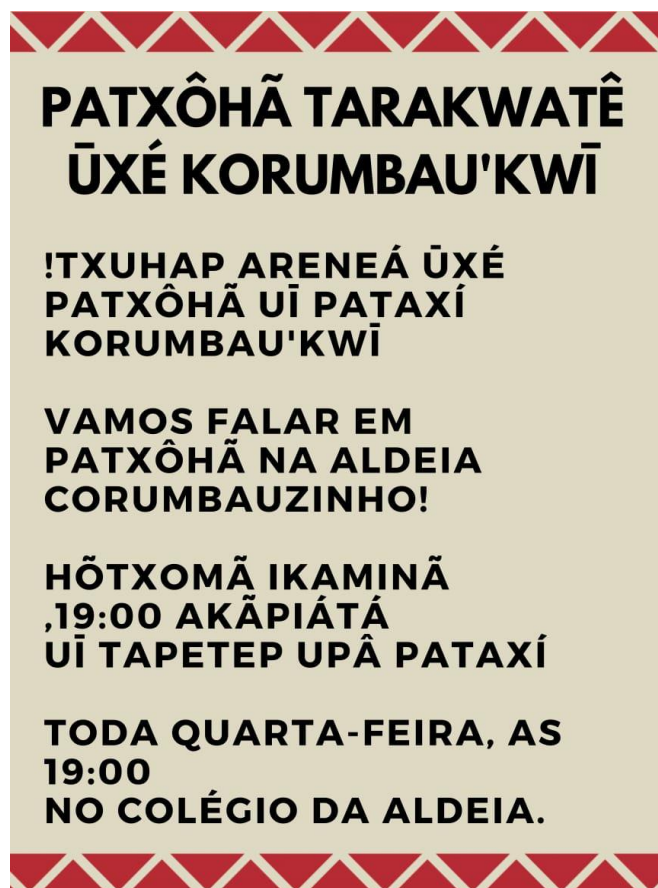
Lançar a proposta de um grupo de conversação em língua Patxôhã na aldeia foi uma experiência de altos e baixos, marcada por expectativas, tentativas e um constante aprendizado sobre as realidades e desafios da revitalização da língua. Embora os resultados iniciais desta pesquisa já me tenham dado uma noção da realidade linguística do Patxôhã na aldeia Corumbauzinho — ou seja, que as pessoas que não frequentam a escola demonstram pouco interesse em aprender ou praticar o Patxôhã com o objetivo de fortalecer a língua na comunidade ou realizar o sonho de ter um grupo de falantes fluentes —, fiquei muito empolgado em lançar a proposta de um grupo de conversação em língua Patxôhã.

Primeiramente, apresentei a proposta no grupo da comunidade, destacando repetidamente a importância de aprender e fortalecer o Patxôhã, especialmente no contexto atual de lutas pelos direitos territoriais e contra o Marco Temporal, que afetam diretamente a identidade e a resistência dos povos indígenas. Eu esperava que, a partir dessas falas, as pessoas manifestassem interesse espontâneo em aprender a língua, porém, para minha surpresa, ninguém se mostrou interessado ou me procurou para participar.

Diante dessa situação, decidi ir além e conversei pessoalmente com algumas pessoas da aldeia. Das conversas, oito pessoas confirmaram que participariam das atividades do grupo de conversação. Esse momento me trouxe um certo ânimo, pois, apesar da falta de interesse inicial, essas confirmações indicavam um potencial de engajamento positivo.

Com a esperança renovada, preparei um card de divulgação da proposta, criei um grupo de WhatsApp com os interessados e organizei os detalhes para o grupo de conversação. Fui até a escola da aldeia e consegui um espaço para realizarmos as atividades, que seriam todas as quartas-feiras, às 19h. Também preparei atividades dinâmicas e imprimi apostilas de estudo em Patxôhã para o primeiro encontro. No entanto, apenas três pessoas compareceram. Mesmo

assim, aproveitamos o momento para realizar uma socialização e "quebra-gelo" com relação à língua. Senti uma pontada de desânimo ao perceber que a maioria dos confirmados não havia comparecido.



*Figura 6: card de convite feito para divulgação da proposta do grupo de conversação. Fonte: arquivo pessoal.*

Persisti na tentativa de engajar o grupo, chamando novamente aqueles que tinham prometido participar, fazendo um novo apelo. Na semana seguinte, apenas uma pessoa apareceu. Apesar do esforço, percebi que o participante estava um pouco enfadado com o encontro, ele estava com pressa não demonstrando muito interesse em querer estar ali. Foi então que sugeri ajustar o dia e o horário dos encontros. Concordamos que seria melhor nos reunir nos finais de semana. No entanto, no dia marcado, ninguém compareceu.

Confesso que esse desinteresse de meus parentes me deixou um pouco frustrado. Continuaram a ocorrer mais dois encontros sem nenhuma participação. Mesmo assim, insisti, continuei chamando, mas, infelizmente, alguns acontecimentos na aldeia dificultaram a continuidade dessas atividades.

Diante desse cenário, cheguei à conclusão de que, para dar continuidade ao trabalho de revitalização da língua Patxôhã na aldeia Corumbauzinho, é necessário, antes de tudo, conscientizar as pessoas sobre a importância de aprender e, principalmente, usar a língua em seu cotidiano. Como afirma o RCNEI:

É importante entender, entretanto, que é possível impedir que uma língua indígena desapareça. Para isso é preciso que, em primeiro lugar, seus falantes percebam as causas que estão colocando em risco a sobrevivência de sua língua e, em segundo lugar, que assumam o compromisso de tentar brecar avanços da língua dominante, criando estratégias para tanto. (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 119)

Antes de qualquer iniciativa de revitalização linguística é necessário que os envolvidos compreendam a importância do trabalho e o porquê devem se comprometer.

Na verdade, esse resultado já era algo que se poderia esperar conforme o que foi descrito anteriormente neste texto. O fracasso da ação prática de formar um grupo de conversação só fez confirmar mais uma vez a desmotivação dos parentes em aprender/praticar o idioma. Criar uma iniciativa de prática da língua fora do contexto escolar revelou-se um desafio muito grande, que exige uma abordagem estratégica de sensibilização e mobilização da comunidade.

Compromisso e constância são dois elementos fundamentais para o sucesso em projetos como esse. É importante que, ao participar do grupo de conversação, as pessoas devam estar totalmente dedicadas e envolvidas com a meta ou objetivo, que nesse sentido seria o diálogo somente em língua Patxôhã.

A constância é essencial porque se refere à persistência necessária para alcançar o objetivo, pois em ocasiões como esta, as pessoas começam as

atividades, mas no meio do caminho acabam desistindo ou perdendo o foco. Então para o êxito do grupo de conversação é necessário ter o compromisso e assumir a responsabilidade de sempre participar das reuniões do grupo, contribuir no que for preciso, mesmo quando as coisas se tornarem difíceis. Quando o compromisso e constância são combinados é possível alcançar resultados duradouros e significativos.

No entanto, é interessante usar algumas estratégias para incentivar os participantes a continuarem na jornada como por exemplo, um lanche, dinâmicas lúdicas para tornar o momento mais agradável e principalmente temas para a conversação que sejam adequados ao conhecimento já adquirido pelos envolvidos e que estejam relacionados com o público participante. Todos estes elementos devem ser pensados para evitar que em meados do processo os participantes acabem perdendo o interesse e consequentemente desistindo.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa revelou uma situação preocupante, mas infelizmente comum entre muitas línguas indígenas em todo o Brasil. A língua Patxôhã, um patrimônio cultural do povo Pataxó, está atualmente restrita (no uso cotidiano) a algumas palavras soltas e saudações, sem falantes fluentes na comunidade. Esse fato é uma marca profunda da colonização imposta pelos colonizadores europeus, que dizimaram culturas, tradições e línguas de povos originários em todo o território que hoje compreende o Brasil.

A colonização não foi apenas um processo de ocupação territorial, mas um ataque violento às identidades indígenas. A imposição da língua e da cultura dos colonizadores europeus, em detrimento das línguas nativas, foi, de certa forma, uma estratégia de apagamento cultural, visando destruir as identidades dos povos originários para fortalecer a dos colonizadores. No caso do povo Pataxó, como em tantas outras comunidades, a colonização resultou no silenciamento da língua Patxôhã, e hoje estamos numa luta para que ela se fortaleça.

Depois de investigar as práticas de uso da língua Patxôhã na comunidade surgiu o pensamento de reverter essa situação e tentar revitalizar o seu uso na aldeia Corumbauzinho, propus a formação de um grupo de conversação na língua. A ideia era simples: criar um espaço seguro e motivador para que alguns membros da comunidade pudessem praticar e, eventualmente, retomar a fluência na língua dos nossos ancestrais. No entanto, encontrei um desafio significativo - não houve muitos interessados em participar, e os que inicialmente se dispuseram a participar, depois de certo tempo não continuaram.

Essa falta de interesse não pode ser vista de forma isolada, mas deve ser entendida como uma consequência direta das décadas, ou mesmo séculos, de desvalorização da cultura e língua indígenas. O processo de colonização colocou na mente de muitos membros da nossa comunidade, a ideia de que nossa língua e nossa cultura são menos valiosas do que as dos colonizadores. Portanto, antes de qualquer tentativa de reviver o Patxôhã, percebi que é

necessário desenvolver um método de incentivo e conscientização que ajude a nossa comunidade a reconhecer o valor da nossa língua e da nossa cultura, e principalmente, entender que é urgentemente necessário retomar o uso da língua, se empoderar dele.

A resistência em participar de um grupo de conversação reflete a complexidade do processo de revitalização linguística. Não se trata apenas de ensinar uma língua, mas de resgatar, fortalecer uma identidade e reconstruir um sentimento de pertencimento. É essencial criar estratégias que promovam o orgulho e a valorização da cultura Pataxó, que fortaleçam a identidade indígena e que mostrem às novas gerações a importância de manter viva a língua dos nossos ancestrais.

Portanto, para dar segmento ao trabalho será preciso o desenvolvimento de uma iniciativa de conscientização, que pode incluir palestras, oficinas culturais, promover entre os jovens campanhas de conscientização nas redes sociais, fazer vídeos curtos na língua e eventos comunitários que ressaltam a importância do Patxôhã como uma expressão viva da nossa identidade. Somente quando conseguirmos superar as barreiras criadas pelo processo colonial e restaurar o orgulho em nossa cultura, será possível revitalizar verdadeiramente o Patxôhã e garantir que ele seja falado fluentemente pelas futuras gerações.

## 8. REFERÊNCIAS

BOMFIM, Anari Braz. **Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó.** Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 303-327

BRASIL Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

MEIRELLES, Sâmela Ramos da Silva, RUBIM, Altaci Corrêa, BOMFIM, Anari Braz Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas, **Working Papers in Linguística**, v. 23 n. 2 (2022), p. 154-177.

POVO PATAXÓ. **Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia.** Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

SANTOS, Maicon Rodrigues dos. **Estratégias de fortalecimento linguístico e cultural no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, Prado-Ba.** Grau Zero – Revista de Crítica Cultural, v. 11, n. 1, p. 49-71, 2023. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/v11n1p49>>. Acesso em 21 de maio de 2024.